

JOAQUIM SERRA.

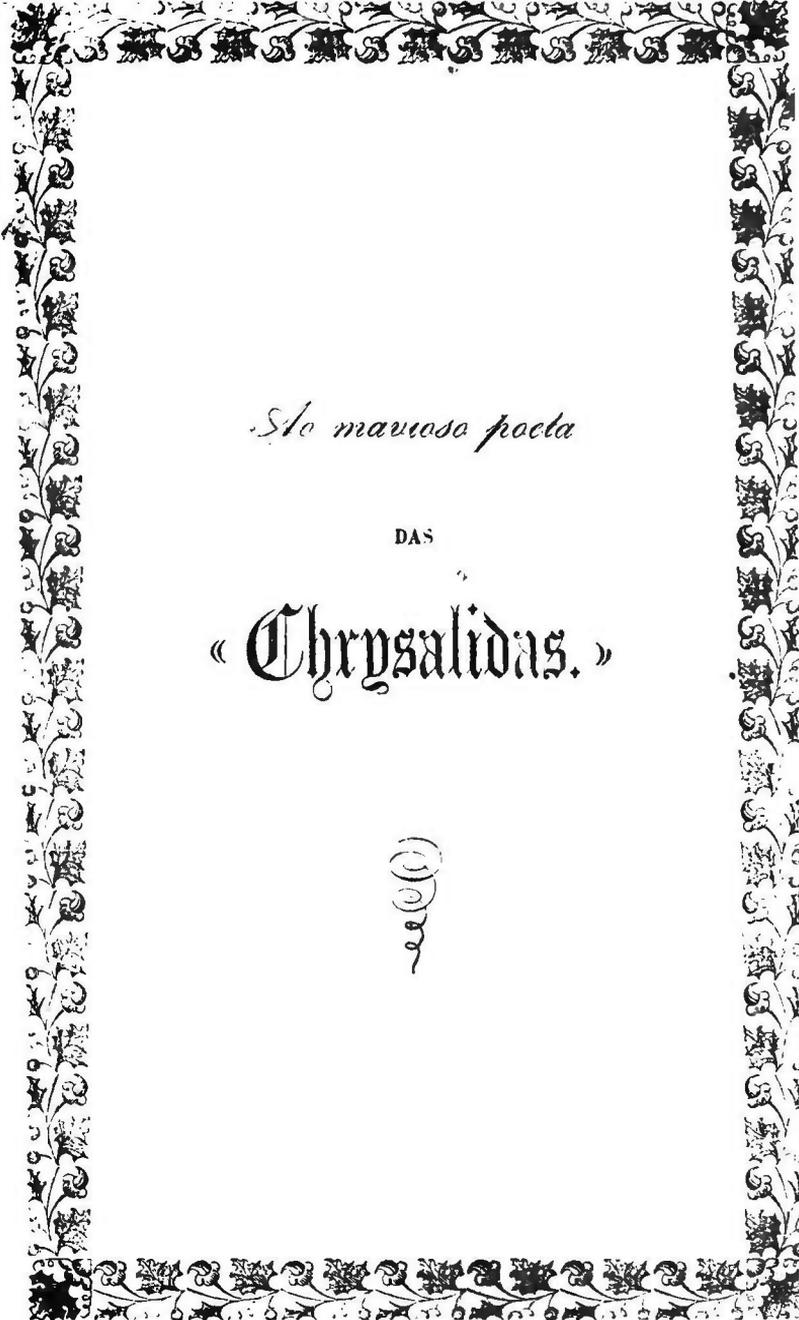
MOSAICO.

(Poesias traduzidas.)

PARAHYBA

Typographia de José Rodrigues da Costa.

1865.

A decorative border with a repeating floral and vine pattern surrounds the central text.

Seu maius poeta

DAS

«Chrysalidas.»



TRADUCCÕES.

PELO NILO.

(Ampere.)

Deitado em minha barca,
Olhando para os astros,
Meus versos solto e mando
Da brisa no soprar ;
Da brisa que murmura,
E atufa as brancas velas,
Que brinca nas areias,
É corre sobre o mar.

O Nilo é um oceano ;
Da viração o sopro
Pr'a longe nos impelle
No liquido cristal ;
O Nilo é um deserto,
E nossa barca é a tenda,
Que anda um pouco e pouza
Ao pé de um palmeiral.

Com os mesmos horisontes,
No mesmo sitio e praia,
Que scenas tão diversas
Se vê em terra além ! . .
As margens da corrente,
Irmãs em luxo e galas,
Ostentão mil paizagens,
Diversos quadros tem.

Frugal, manso camello
 Ali no ar balança
 A fronte, e o longo collo;
 Qual serpe, voltas dá,
 Caminha gravemente,
 Com ar de somnolencia,
 E a sombra sua alonga-se
 E lá no solo está !

Na areia humida e branca
 Se estendem lado á lado
 Os bufalos escuros ;
 Um morro se ergue atraz;
 Mulheres descem d'elle,
 Caminhão para o rio,
 Traz uma um pote ao hombro,
 A outra um filho traz.

Além se vê, n'um circulo,
 Uns velhos assentados,
 Silenciosos fumão
 E um beduino só,
 Com a mão na carabina,
 Selvagem o gesto, rude
 Murmura vendo ao longe
 Turbillionar o pó !

Aqui n'estas pargens
 O homem já foi grande !
 Se veste rotas galas,
 Soberbo inda elle é.
 O olhar firme e altivo
 Fulgura-lhe por vezes,
 E nobre magestade
 No rosto brilha até !

São restos de grandeza,
Miséria de monarchas,
Destroços de opulência
Que fulminou os ceos
E' inda o Oriente,
Porém já em ruínas,
São mármoreos ainda,
Porém de mausoleos !

Do felaali a esposa
Caminha muda e altiva,
E traz por todo ornato
Um broche de marfim ;
Arrasta em passo regio,
Per sobre fina poeira,
Um bem pobre vestido,
Que só cobre-a por fim !

A áura perfumada,
Das rusticas cabanas,
Sacode o leve fumo,
Que sobe em espiral ;
É a verde tamareira,
N'um placido murmúrio,
Requebra-se com graça,
No denso palmeiral !

Deitado em minha barca,
Olhando para os astros,
Meus versos solto e mando
Da brisa no soprar :
Da brisa que murmura,
E atufa as nossas velas,
Que brinca nas areias
É corre sobre o mar.

O DEPUTADO MINISTERIAL.

(Barthelemy.)

I

Elle era um grande homem, de fallas tão cortezes,
De oculos sympathicos, que vinha muitas vezes,
Para ler os periodicos, no club conversar ;
E quando alguém fallava no quanto se soffria,
O homem pressuroso o jogo suspendia
E contra o ministerio berrava a se esbofar !

Que planos qu'elle tinha, e como os declamava !
Ficava embasbacada a turba qu'ò cercava ;
« São puras utopias », dizião os seus rivaes.
O homem promettia trazer a paz á terra,
Banir listas civis e suspender a guerra
E o imposto directo do vinho e cereaes !

« Se a patria não quizer soffrer tantas desgraças,
Dizia elle nos clubs, nas ruas e nas praças,
« Adopte o meu programma, traz elle a salvação !
« Não hão-de os governistas fazer dos orçamentos
« Banquetes para os seus de gordos alimentos,
« Em quanto esfomeado o povo pede pão !

Os credulos burguezes, pasmados e contentes
Ouvindo estas rajadas sublimes, eloquentes,
Dizião :—isto é que é homem e isso é que é fallar !
« Não ha tão bom tribuno, austero e dedicado,
« Devemos adoptal-o por nosso deputado,
« Qual outro Mirabeau vai elle discursar !

II

De facto foi eleito, e apoz protesto novo
Partio para a capital o defensor do povo,
E foi aboletar-se em conhecido hotel.
Assiduo na Assembléa, na esquerda se assentava,
Sem rir-se co'os Ministros ; quando elle não fallava
Tomava notas mil em tiras de papel !

Grave como um tribuno do bom tempo passado,
A's vezes elle olhava com olhar atravessado
Para o centro, onde dormia a grei ministerial ;
—Rebanho de carneiros, dizia, povo fraco !—
Tirava da algibeira o lenço de tabaco
E n'elle se assoava, com força sem igual !

Assim que o Presidente á votos submettia
Projectos do governo, e a formula dizia :
« Quem for contra o projecto se queira levantar, »
Cobrando o ministerio, com o olhar em fogo accezo,
O homem dava um salto, em pé ficava tezo,
Heroe da opposição no gesto e no olhar !

Quando elle se assentava, éra um Catão em busto ;
O povo admirava talento tão robusto,
Só d'elle se falla nos circulos de Paris .
—Ai, quem amolleceu o marmor de Carrara !
—Que acido dissolveu a perola tão rara !
—Ai, como o ministerio levou-o ao almofariz ?

III

E' que o grande heroe, Catão rijo e severo,
Tribuno admiravel, tão nobre e tão austero,
Achou que a governança sonora tinha a voz,
Na hora em que disserão-lhe, mostrando larga lista
De honras, de fitinbas, que encherão bem a vista :
—Tudo isso e um gordo emprego, tomai, é para vós !

Ai, quem resistiria á dons tão magnificos ?
 Os nossos deputados são homens tão prolificos !..
 Tem duzias de sobrinhos e filhos á empregar...
 E esses não descansão, por todos os correios
 Escrevem ao deputado, que, sejam quaes os meios,
 Se lembre dos parentes e trate de votar . . .

E o bom representante, apoz tantas missivas,
 Depoz lá na ante-sala as armas offensivas,
 Do centro aproximou-se, não quiz mais combater.
 Oh ! para ao orçamento fazer continua guerra,
 Devera se não ter parentes sobre a terra,
 E em puro celibato viver até morrer !

O WILIA. (*)

le (Adam Mickiewicz.)

Em vagas cerulas, sob areias d'ouro
 O Wilia altivo no correr murmura,
 E, como a filha da Polonia bella,
 Sua face encanta por serena e pura ;

Regando os plainos de encantada terra,
 O Wilia oscula o narcizo e a rosa,
 Bem como o altivo adail polaco
 Curvado ás plantas de mulher formosa.

(*) Esta canção vem no poema « *Konrad Wallenrod.* »

O Wilia gira, procurando amores,
 Demanda o Niemen, por quem vive e morre,
 Assim, em busca do que a traz captiva,
 Linda polaca carinhosa corre !

Dezerta o Wilia seu paiz nativo,
 Se atira ao Niemen, se confunde nelle.
 E unidos marchão por paragens invias,
 Vão cabir no oceano. que dilirio aquelle !

Captivo o Wilia, murmurando morre,
 Despede ao longe derradeiros ais.
 Assim, ó virgem, n'esse amar immersa,
 Só vendo o amante, de tua patria sahes !

Para clima estranho á Lithuania bella
 Fugirão ambos, como o rio á virgem ;
 O Wilia em busca do Niemen amante,
 E a virgem presa de fatal vertigem !



A' UMA MATRONA POLACA.

(Adam Mickiewicz.)

De teu filho os olbares se irradião,
 Nelles brilha do genio a chamma acceza ;
 Foge o moço aos brinquedos da puericia,
 E attesta dos avós viril grandeza ;

Isolado, com os velhos se deleita,
 Evocando o passado muitas vezes,
 E, com a fronte inclinada, escuta os bardos
 Que da patria infeliz cantão os revezes !

Pobre mãe, priva o filho de taes scenas,
 Leva-o antes á orar ao pé da cruz,
 Qu'elle cale seus brios patrioticos,
 E veja o soffrimento de Jesus! . . .

Sim, contemple o martyrio, pois sua sorte
 Ha de ser infeliz, morrer sem glorias . .
 Da Siberia nos gelos, como escravo,
 Embora outras nações cantem victorias !

Que teu filho se eduque na desgraça,
 Respirando dos tumulos o veneno ;
 Acostume-se á vida nos desertos
 E por terra a dormir com ar sereno.

Que elle occulte no peito as suas iras,
 Mascare o pensamento, adoce o fel,
 Traga o rosto humilhado, e curva a fronte,
 Orne os labios com um riso o mais cruel . . .

O Christo em Nazareth, quando menino,
 Brincava com uma cruz—na cruz morreu . .
 Mãe do joven polaco, afaz teu filho
 A saber de antemão o fado seu . . .

Seus pulsos acostuma a ter algemas,
 E da morte a não ter horror nem asco,
 Que veja o cemiterio sem abalo,
 E sem corar a corda do carrasco . .

Porque elle não irá como os Cruzados
 Combater por seu Deos em Jerusalem,
 Nem como os que na França, em mar de sangue,
 Plantarão a liberdade, eterno bem !

Seus combates serão no horror das trevas
 Contra horriveis juizes e prisões. . .
 E, por armas, trarão seus inimigos
 Secretos tribunaes, mil espiões. . .

Vencido, elle terá por monumento
 A força e a irrisão da populaça . . .
 E depois sobre o tumulo um triste pranto
 Dos que vingar não podem a sua raça !



LONDRES.

(A. Barbier.)

E' um espaço tão grande qu'a andorinha
 Demora atravessando-o um dia inteiro ;
 Montão de monumentos alterosos,
 Qu'ao longe turvão a vista ao caminheiro.

Chaminés, campanarios mil da industria,
 Que fumegão constantes, noite e dia ;
 Gigantescas fornalhas chamejantes,
 Espalhadas sem lei, nem symetria.

Erguidos torreões, de flexas gothicas,
 Que se perdem nos ares, alvejando
 Sobre serras enormes de tijollo,
 Por entre os nevoeiros fluctuando . . .

E um rio inabordavel, sinuoso,
 Cujas aguas assustão e dão passagem,
 Sob pontes extensas, sob arcadas,
 A milhões de navios em viagem ! . . .

Aqui se estendem tendas e officinas,
 Cada qual para mister novo e diverso,
 Tão grandes armazens, que em cujos flancos
 E' possível caber todo o universo.

Marchetado de nuvens sobre nuvens
 E' sempre o ceo ali, sem haver falha.
 O sol se ergue atravez d'um veo algento,
 Qual finado envolvido na mortalha ! . . .

A's vezes mostra o sol signal de vida.
 Deixa o ar glacial, turvo clarão,
 Mas a face qu'ostenta é enegrecida.
 Fal-o negro das forjas o carvão !

N'esse dedalo immenso, babilonico,
 Vive e morre, em silencio sepulchral,
 Um povo que só corre apoz o ouro,
 Que para têl-o confunde o bem e o mal.



ITALIA.

(A. Barbier.)

Linda Italia, Julieta adormecida,
 Cujo somno por morte se ha tomado,
 Ai, não és morta não, que o pulso bate,
 Qu'inda é quente esse rosto descorado !

Sim, tu dormes, Julieta, e o sopro brando,
 Apesar de perdido o movimento,
 Inda altivo protesta, que de balde
 Te julgão estatua presa á um monumento !

Um dia, e não mui longe, abrindo os olhos,
 Tanto tempo sem luz de liberdade,
 Ante o céu luminoso, que te cobre
 Qu'inspira tanto amor, tanta saudade,

Um hymno soltarás, e promptamente
 Erguida te verá sobre essa louza.
 Onde, ha muito, suppunhão sem mais vida,
 Aquella que ha podido quanto ouza !.

Então, Italia minha, nesse dia
 Em que tremula sahires do carneiro,
 Se quizeres um braço para arrimo
 Ai, não busques o braço do estrangeiro.

Procura, ó ressurgida, o teu amante,
 Que ancioso estará mesmo a teu lado ;
 Nas desgraças da Grecia, essa mãe tua,
 Vê como o estranho braço é mal guiado

Sim, Julieta adorada, voluptuoso
 Manchará o estrangeiro o seio teu,
 P'ra tomar-te nos braços, amoroso,
 Em teus filhos terá o teu Romeo !.



JURAMENTOS.

(C. Delavigne.)

Sim, juro obedecer-te, contendo no meu peito
O fervido transporte, que o teu amor me excita...
Eu juro, pelos Deoses, que deixarei tranquillo
Teu candido pudor, qu'eu amo e que me irrita !

Sim, juro por ti mesma, qu'è jura a mais sagrada,
Não mais prender nas minhas a tua linda mão.
E não importunar-te com olhares meus ardentes,
Que fazem os teus vexados buscarem logo o chão !

Eu juro mais ainda, que quando, seductora
Para mim tu te encaminhes, sorrindo á me fallar,
Deixar que tu te apartes dos braços que te buscão,
Sim, juro, em meus joelhos não mais te hei-de assentar !

Eu juro respeitar a gaze transparente,
Que á meio me descobre teu seio palpitante,
Que em doce ondulação se encurva e desaparece,
Qual onda balouçada por zephiro inconstante !

Ai, juro á meu pezar, não mais nos meus delirios
Roubar teus beijos ternos de angelica doçura...
Teus beijos qu'embriagão, mas que quando t'os roubo,
Ao seu doce murmúrio, tua queixa se mistura !..

Tranquillo junto a ti, contendo meus transportes,
Tu podes a meu lado ficar bem descansada..
Qu'eu poupo o teu rubor, serei quieto e mudo,
Jurei... mas ah, tu vens... Perdão, não jurei nada !...



AOS EMIGRADOS POLACOS.

(Louise Colet.)

Já não são para as reis que os bardos cantão,
Acabarão-se os sons aduladores,
Hoje a lyra interpreta a voz dos povos,
Os poetas são seus consoladores.

Não arrancão louvor dos nossos vates
Ouro e honras do impio moscovita,
Que para essa nação proscripta e errante
Elles guardão da lyra a voz afflicta !

Para vós, exilados, nobres victimas,
Que desdenhão da Russia a furia vã,
Tão sublimes desgraças pranteando,
Vos abre a França braços, como irmã !

E vos diz, em voz baixa e tom prophético,
Qu'ha-de livre a Polonia um dia ser.
Vencedora vereis a vossa terra,
Voltada ao nosso amor, vos pertencer !

Taes grilhões serão nullos, qu'esta causa
Se une ao céu, é de toda a humanidade.
E os tyrannos confusos n'este seculo,
Hão-de á frente curvar á liberdade.



INDA É MAIS BELLA !

(Imitado de Pindemonte.)

Alva, mais alva do que o branco cisne,
Que lá nas ondas se mergulha e lava,
Alva como um vestido de noivado,
Mais alva, inda mais alva !

Loira, mais loira do que a nuvem linda,
Que o sol á tarde no poente doira,
Loira como uma virgem occianesca,
Mais loira, inda mais loira !

Bella, mais bella que o raiar da aurora
Apoz noite hybernal, negra procella,
Bella como um scisma de poeta,
Mais bella, inda mais bella !

Doce, mais doce que o gemer da brisa,
Como se deste mundo ella não fosse ;
Doce como os cantares dos archanjos,
Mais doce, inda mais doce !

Casta, mas casta qu'a mimosa folha.
Que se constringe, que da mão se afasta,
Casta como a Madona immaculada,
Mais casta, inda mais casta ! . . .



O REI RODRIGO.

Ballada.

(Emitto Deschamps.)

« Vou vos contar uma historia,
 « Caso de muito espantar ;
 « Mas guarda a Hespanha a memoria
 « Da historia qu'eu vou contar.

I

Sahe das portas do palacio
 Bando de damas gentis,
 Lá brincão no floreo campo,
 Dando-lhe um novo matiz.
 Vai Florinda entre as donzellas,
 A formosa entre as mais bellas.

Perto de um claro regato
 A turba alegre pouzou :
 Corre um bosque junto á fonte,
 No bosque uma ave cantou,
 E as bellas moças do bando
 Tambem lá ficão cantando.

De pés descalços na fonte
 Querem brincando passar ;
 Florinda ás mais diz sorrindo,
 Tirando o estreito colar :
 « Quem tiver o pé mais lindo
 « Seja a primeira a marchar ..

Corre o colar entre todas,
 Que dizem logo a Florinda,
 Apoz um curto silencio :
 « Ninguem nega, és a mais linda,
 « A mais bella e delicada,
 « Ai, ninguem te excede em nada !

Ao vento soltão os cabellos,
 São bellos todos, meu Deos !
 Dizem as outras : são mais bellos,
 Florinda, os cabellos teus.
 Ri-se a menina contente,
 Todas brincão alegremente.

Pensando estarem sozinhas,
 Meninas imprevidentes !
 Erão vistas por uns olhos
 De volupia reluzentes,
 Que vião lindezas suas
 Sem recato, quasi nuas.

Bem occulto entre as janellas
 O rei Rodrigo era ali,
 Cada filha de Granada
 Lhe parecia uma huri.
 E sequioso de amores
 Vio-as correndo entre flores.

Vão as meninas passando,
 Passa a segunda, a terceira,
 Passão as outras, e Florinda
 E' que vem por derradeira.
 O rei, que decido havia,
 Estas fallas lhe dizia :

« Bella Florinda, meu anjo,
 « Eu te vi, e louco estou . . .
 « Deponho a teus pés o sceptro,
 « Teu escravo humilde sou !
 « Vale mais que a magestade
 « Tanta lindeza e beldade !

« Para pagar teus agradós
 « Bem pouco pode inda um rei !
 « Quero viver a teu lado,
 « A' teus pés eu morrerei !
 « Ante amor é fraco o bravo,
 « Não sou rei, sou teu escravo !

Florinda ao rei de Castella
 Nem uma resposta deu.
 Envolveu-se na mantilha,
 Lá passou e se escondeu.
 Como ferido de um tiro,
 Geme o rei, dando um suspiro !

II

Com o peito offegante,
 Treme, anhelante,
 Com a fronte coberta
 De frio suor;
 E os olhos pizados,
 De pranto banhados,
 E o rosto inflammado
 Em vivo rubor ;

E as mãos vacillantes,
 Retidas captivas,
 Nas mãos tão activas
 Que a querem forçar,
 Mulher delicada,
 Já quasi em loucura,
 Recua e murmura :
 — Não quero te amar !

Aos pés de Rodrigo,
 Cahida ella fica,
 Anceia e supplica,
 Com todo o fervor !

Como se valessem
 Preces e gemidos
 Para reis perdidos,
 Para um rei traidor !

« Senhor, moderai-vos!
 « Deixai-me, eu me afasto,
 « Ah ! sêde mais grato
 « Ao conde meu pai !
 « Um rei cavalheiro
 « Tem mais gentileza,
 « Respeita a nobreza,
 « E cahe se ella cahe !

« Meu pai está distante,
 « Por vós move guerra!
 « Deixou-me em esta terra
 « E foi combater . . .
 « A vida tirai-me,
 « Mas não a innocencia,
 « Tal crime é demencia . . .
 « Quem me ha-de valer? . . .

E o rei a persegue,
 —Que o inferno o incita—
 Florinda o evita
 E quer se ausentar ;
 Mas elle a não deixa
 Por todos os cantos ;
 Só vê seus encantos,
 Não vê seu chorar !

« Meu pai por servir-vos,
 « Afronta o perigo,
 « E assim, Dom Rodrigo,
 « Trataes vós a mi ? !
 » Elle vos deu tudo,
 « Toledo e Sevilha,
 » Deshonraes sua filha,
 « Maltrataes-me assi? . . .

E ella fugia
 E o rei não a ouvia,
 Somente queria
 Nos braços a ter . . .
 Apoz tal combate,
 A flor lá se abate
 Vencen n'esse embate
 Do homem o poder !

III

Florinda cheia de angustia,
 Na mais acerba afflicção,
 Assim ao pai escrevia,
 O nobre conde-Julião :

« Ah, meu senhor, meu amigo,
 « Só em vós confio agora,
 « Só vós podeis dar remate
 « A' dor que sinto nesta hora !

« Porque aqui me deixastes,
 « Neste palacio maldito,
 « O meu viver de hora em diante,
 « Ai, que viver tão afflicto !

« Aqui junto da rainha,
 « Sem do rei me arreceiar,
 « Vivi, senhor, sem cuidados,
 « Isso não poude durar . .

« E que meu pranto vos diga,
 « O mais que não digo e calo,
 « Que vos explique o que eu tenho
 « Do vosso peito o abalo . . .

« Que este segredo funesto,
 « Qu'eu não ousou revelar,
 « Vós comprehendaes no silencio,
 « Com que me quero explicar. . .

« Finalmente, vossa filha,
 « O vosso sangue tão nobre,
 « Como o mais puro e mais godo..
 « Hoje nodoa infame o cobre!

« D'esse rei que nos governa,
 « Que vos traz n'essa parage.
 « Eu soffri o mais cobarde,
 « O mais violento ultrage...

« Esquecei a impura filha,
 « Mas lembrai-vos do traidor..
 « Vingae o sangue, qu'è vosso,
 « Com um ultrage maior!

« Chamai para vir ajudar-vos
 « O Sarraceno estrangeiro,
 « Com traição a traição pague
 « O rei vil e traçocairo!

« E que Castella comprehenda
 « A infamia do rei Rodrigo,
 « Vendo suas grandes desgraças,
 « O seu tremendo castigo!

IV

Algun tempo se ha passado,
 Batem-se em campo cerrado
 O Sarraceno e o Christão,
 E nas valentes fileiras,
 Lá cahem filas inteiras,
 Que rugem mordendo o chão!

Nunca tantos combatentes,
 Tantos soldados valentes
 Se virão em luta maior!
 E' um combate renhido;
 Se ouve o forte arruido
 Cada vez com mais fragor!

Paira entre os bravos a morte,
 Mas, emfim decide a sorte,
 Já tarde ao cabir do sol,
 Foge a gente de Rodrigo
 Ante o arabe inimigo,
 Foge o monarcha hespanhol !

Qual bravo leão vencido,
 Sem viseira, mal ferido.
 Profugo o rei ali vem . . .
 Sahe do campo da batalha,
 Envolto como em mortalha,
 No manto negro que tem !

Já de fadiga prostrado,
 Caminha o rei desthronado
 No seu valente corcel ;
 Desatinado, tão triste,
 Parece que não existe,
 Vaga no campo infiel !

Mas, alfin, sobe a montanha,
 Contempla a perda tamanha
 Que o reino vem de suffer !
 Vê em fuga seus soldados,
 Seus arraiaes destroçados,—
 Que triste quadro para ver !

Seu estandarte sem gloria,
 Como trophéo de victoria,
 Ali jaz, varrendo o chão !
 Vê o sangue derramado,
 Seu sangue ferve abrazado,
 Trememente diz elle então :

« Oh, que fatal pezadello !
 « Pois d'este reino tão bello
 « Já não sou senhor e rei ?
 « Toledo, Sevilha escrava,
 « Quando, ha pouco, as dominava
 « Da minha vontade a lei !

« Ai, hontem tão poderoso,
 « Cercado de tanto gozo,
 « Cercado de tanto amor !
 « Tantas amantes qu'eu tinha,
 « Quando Castella era minha,
 « Quando eu era seu senhor !

« Ai, hontem tantos soldados,
 « Castellos fortificados,
 « Hontem rei grande e audaz !
 « Hoje, na terra hespanhola,
 « O pão para comer esmola,
 « Quem da Hespanha a coroa traz !

« Fatal instante maldito
 « Em que nasci ! Porque existo !
 « Antes, mil vezes morrer !
 « Maldito o materno leito,
 « Maldito tambem o peito,
 « Que me aleitou para soffrer !

« Morrer, sim, eis o que devo.
 « A vida assim não me atrevo
 « A' suportar não mais rei !
 « Sim, quem caher de tal altura
 « Cava logo a sepultura
 « Go'o seu peso. Eu morrerei !

..... ..

Disse e partio. Não se sabe
 Onde foi, e aqui não cabe
 Que eu invente um final meu.
 Do rei godo Dom Rodrigo,
 Só se sabe do castigo,
 Porém não como morreu.



ALTERNATIVA.

(E. Deschamps.)

A dor que me lacera
 Aqui pintar eu venho ;
 Os males qu'eu supporto
 Eu venho retratar.
 Mas, ai, a bella ingrata
 Na mente só eu tenho,
 E sinto a sua imagem
 Em torno á mim pairar !

Ceder me é preciso,
 Pensar nella somente,
 No fogo que me abraza,
 Que eu sinto refter !
 E escreve n'esta pagina
 A penna obediente,
 As letras do seu nome,
 Que eu busco aborrecer !

Não devo ir mais avante,
 Deixar eu devo a penna ;
 Não mais se occupe a mente
 Co'a autora da traição . . .
 Porem seu rosto angelico,
 E a voz doce e serena
 Me faz scismar de novo,
 Ai, scisma, coração !

Porem te lembra ao menos
 Da dor que te devora !
 Recorda a voz melodica
 E a jura falsa e vã . . .
 Mas não ! nos seus encantos
 Eu só cogito agora,
 No quanto desgraçou-me
 Pensemos amanhã !

Recorda-te, cobarde,
 De tanto fingimento,
 Da jura tão sacrilega
 Que soube te perder . .
 E jura mais não vel-a,
 E foge n'um momento,
 Não como tens fugido,
 Voltando para a vêr !

Porem, se compassiva,
 Bem como foi outr'ora,
 Com a fronte no meu peito,
 Disser-me ella a chorar :
 « Eu nunca abandonei-te,
 « Minha alma inda te adora,
 « Esquece nos meus braços
 « O que te fiz penar !

Se tão bella esperança
 Eu visse realisada,
 Surgira do meu tumulo,
 Qual Lazaro, sem véo!
 Se queres experimenta,
 O' minha doce amada,
 N'um beijo dá-me a vida,
 E n'um abraço o céo !

ODE A' COLUMNA.

(Victor Hugo.)

I

Oh, quando elle lançava gigantesco
 Este altivo pilar para o seu throno,
 Sobre escravas nações,
 Columna, junto á qual tudo é mesquinho,
 Sublime monumento refundido
 De glorias e canhões !

Quando elle a edificava, para qu'um dia
 Tanto a guerra civil como a estrangeira
 Sustasse o carro ahi,
 Para que os netos dos Cesar o Alexandre,
 Passando nessa praça, estremecessem
 Receiando por si.

Era um bello espectaculo ! Toda a terra
 Percorria com os bravos veteranos,
 Seu povo militar !
 Fugião os reis, anões defronte d'elle,
 Vencedor, sobre o campo da peleja
 Canhões ia ceifar !

E, voltando com as hostes valerosas,
 Enchia de tropheos a França amada,
 Qu'em brados festivaes
 Recebia-o contente, como á aguia
 Que, voltando com a preza para o ninho.,
 Alegre os filhos faz !

E correndo á fornalha, onde fundia-se
 O grande monumento ; o bronze imigo
 Empurrava com o pé,
 Impellindo para as chammas, feixe á feixe,
 Vencida artilberia, que á sua gloria
 Degráo agora é !

E voltava o heroe á novos prelios,
 Atravez da metralha, outra colheita
 Fazendo apoz a acção !
 E trazendo-a para França, nova Roma,
 Sobre as forjas vergado elle dizia :
 —Não basta ainda não ?

Era só d'elle a obra ! Como ornatos
 A bayonetta, a espingarda, a peça, o sabre,
 Da guerra todo o trem !

General, fez-se um brinco das Pyramides,
 Monarcha, ambicionou cousa mais alta,
 Maior desejo tem !

Fundio essa columna a mão romana
 Do guerreiro, que fez famoso o seculo
 Que o nome seu prediz !
 Vede áos seus batalhões os Alpes curvos,
 E o Nilo, o Tibre, o Rheno avassalados
 E o fulgido Austerlitz !

Porque elle sonhou, moderno Encelado,
 Um throno universal, por muitos annos,
 Das ballas entre o tron !
 Revolveu terra e céos co'uma palavra,
 Arcole, Champeaubert, Wagram, Marengo,
 E Ossa e Pelion !

Um dia veio á praça de Vendome,
 Tranquillo, pelo povo festejado
 Do povo o semi-Deus !
 Sereno descobrio o monumento,
 Da Columna affagando as bronzeas aguias,
 Emblemas nobres seus !

Gozando acclamações da França inteira,
 Assim entre os Romanos, Paulo Emilio
 Saudado tambem foi !
 Os meninos em alas no caminho,
 Vião os pais junto d'elle, e davão palmas
 Ao guerreiro, ao heroe !

Ai, te vendo tão alto, quem pensara,
 Que um dia, em vez dos sonhos elevados
 Do teu porvir sem par,
 A' tão grande miseria chegarias,
 Qu'havião advogados, para tuas cinzas
 Um tumulo chicanar !

II

Menos pressa, ó mocidade !
 Parai no vosso labor . . .
 Nema se quer tendes saudade
 Lembrando Wagram, Thabor ?
 Dizeis qu'è pouca essa gloria
 De conduzir á victoria
 Nossas hostes immortaes ?
 E lhe negaes um jazigo,
 —Que a patria corre perigo—
 Dizem oradores banaes !

Nuvens no céo carregadas,
 A' cidade sustos dá,
 Das sangrentas barricadas
 O solo revoltó está.
 Pede a turba extranha, impia
 Lugar aos heroes ho dia,
 Antes que esqueção, lugar !
 Espere o rei dos guerreiros.
 Em quanto sobem ligeiros
 Novos idolos ao altar !

Modere as iras o povo !
 Distribua os seus tropheos ;
 Porque apoz o culto novo
 Voltará ao antigo Deus !
 Sem na patria um cemiterio,
 Espere o caixão funereo,
 Reliquias de Napoleão !
 Tomem os primeiros altares
 Esses que querem lugares
 Nas cavas do Pantheon !

III

Tantas cidades tomadas,
 Memphis, Berlim e Milão !

Batalhas tão mal sangradas,
 O mundo preso em sua mão !
 Nada deixando na terra,
 Nem mesmo o que o tumulto encerra
 Sem pôr um sello immortal,
 Tendo ganhado animoso,
 A' Russia o Kremlin famoso
 A Carlos a Escurial !

Pois esse nome que pesa
 Aos inimigos com horror,
 Pois da prisão ingleza
 Os prantos de tanta dor,
 E a desmedida fortuna,
 Gloria aos reis tão importuna,
 Que o nome elevou-lhe aos céos,
 Gloria e dor qu'ó exilio encerra
 Não valem seis pés de terra
 Sob os canhões, que são seus ? . . .

IV

Prevendo incertos futuros,
 A liberdade com dor,
 Talvez receie em seus muros
 As cinzas do Imperador ;
 E prescreva o nome heroico,
 Com viril animo stoico,
 Conquistas á receiar !
 Vê de Roma e Sparta o exemplo,
 E os restos do heroe n'um templo
 Impede-a de madurar !

Mas não, que hoje conhece a liberdade
 Qual é o seu valor, e a magestade
 Do throno, horror não faz !
 Hoje as juras dos reis quando são falsas,
 Elles cahem. Tragou já duas raças
 Este seculo voraz !

Tem duas filhas queridas
 A França na guerra ou paz;
 Faz uma as hostes temidas,
 Potente o povo a outra faz ;
 A gloria, filha segunda,
 Não vem armada, iracunda,
 Com sceptro e corôa louçã,
 Não traz d'um tyranno o manto,
 Já não faz cruel espanto
 A' liberdade, sua irmã !

V

Se um repudio soffreu as nobres cinzas,
 E' qu'elles tem ciumes, pallidejão
 Fitando-as com terror !
 Do grande capitão receião a sombra ;
 Em trevas ficarião os seus festejos
 De Marengo ao fulgor !

Quão bello não seria, se a Columna
 Sentisse na sua base essas reliquias,
 Que ahí devião estar !
 Quem podera dizer o que tal hospede,
 Quando a guerra civil nos separasse,
 Nos havia inspirar ?

Se algum dia o estrangeiro, ó gran cidade,
 Os ginetes da Ukania novamente
 Podessem aqui trazer,
 Atravez do granito, os seus despojos,
 Invictas legiões brotar da terra,
 Havião de fazer !

Se mudo e pensativo o peregrino,
 Visse um dia a Columna derrubada,
 Estendida no chão ;
 De joelhos tomara respeitoso
 Um pouco d'esse pó subtil, esparso,
 Que foi Napoleão !

O' nada ! ó maravilha ! Taes reliquias,
 Quem nos dera inda ver, os ossos gastos
 Pelas ondas do mar,
 Seus joelhos que o medo não vergarão,
 E o dedo do gigante, qu'indelevel
 Sabia assignalar !

Contemplar esse peito e braços fortes,
 E as plantas sob as quaes relinha o mundo
 Com força sem igual !
 E o vazio dos olhos fascinantes,
 Então orbitas só, e a fronte augusta,
 Esse globo imperial !

E sentir das entranhas da Columna
 Sahir brados confusos de batalha,
 E tiros de canhão,
 Ginetes a nitrirem, enormes baques,
 Tambores e clarins, e, na refrega,
 Soar: —*Napoleão* !

Não quizestes, legistas e oradores,
 Consolar a viuva veneranda
 Tão grande e infeliz !
 Partilhastes o imperio de Alexandre,
 Trementes ante a sombra e as cinzas suas,
 Sois pequenos, sois vis !

V I

Guarda teu tumulo, guarda,
 No rochedo sobre o mar,
 Onde, qual viva bombarda
 Foste rugindo estourar !
 Em Santa Helena encerrado
 Fica, que o rico passado
 Triste reverso ahí tem ;
 Ahí divaga tua sombra,
 E o salgueiro que te ensombra,
 Cobre o universo tambem !

Dormes ahí sem qu'ó insulto
 Do somno te vá tirar ;
 A's vezes te acorda o culto
 De um veterano a chorar !
 De cima lá d'esse monte
 Corre as vistas no horisonte,
 Sobre o oceano á gemer ;
 Como, que a ti cortejando
 Mil velas verás passando,
 De barcos mil á correr !

VII

Dorme, que lá buscar-te um dia iremos,
 Porque, assim como á um Deus, nós te queremos,
 E teu fim lamentamos tão fatal !
 Sob a nossa bandeira altiva e augusta,
 Regeitamos a corda infame e injusta,
 Que arriou-te do bronzeo pedestal !

Terás um funeral, ricas mortalhas,
 Qu'inda havemos de ter novas batalhas ;
 Tou tumulo arco triumphal ha-de velar !
 E virá contemplar-te a terra inteira,
 E a poezia tambem virá ligeira
 Um hymno liberal te consagrar !

Ficarás entre nós, sob a columna,
 Obra tua, tua gloria, tua fortuna,
 Em Paris sob o céu, que turvo é já
 N'este solo que treme e que murmura,
 Onde passa o canhão, que apoz fulgura,
 Onde o povo em delirio sempre está !

Se esta terra só guarda para os tyrannos
 Raios, chammas, perigos e mil danos,
 Sabe um tumulo com pranto receber . . .
 Tem gemidos para dar-lhe com piedade,
 Escutando-os não has-de ter saudade
 Do rochedo, onde o mar vinha gemer !

PEDIDO DE AUDIENCIA.

(H. Murger.)

Senhora, eu sei que vós não conheceis-me ;
Figuremos, porém, qu'isto se dê,
Qu'esta noute o senhor vosso marido
Vá para o club folgar no *lansquenel* . .

Supponhamos tambem—é mera hypothese—
Que uma amiga a mais intima e dilecta,
Por capricho retenha toda a noite
Vosso esposo, em conversa bem secreta .

N'esse caso, eis-vos só, junto á lareira
N'essa noute, que chove sem cessar
Passão lentas as horas e convindes,
Que ellas paixão melhor se sendo um par .

Boa duvida ! E haveis de constipar-vos
Procurando conversas n'outras salas ?
Vossa casa é feixada e perfumada,
Brilha n'ella a poesia envolta em galas . .

Que fazer n'essa noute ? Ir ao piano
Évocar harmonias de Bellini ?
Ou fazer reboar sonoro o canto
Do *Othello* amoroso de Rossini ?

Mas, sem duvida, o piano com tal tempo
'Stará desafinado, triste e rouco . . .
Não podendo cantar, vereis de balde
Se possivel vos é bordar um pouco ;

Mas a agulha se quebra, a lã se embrulha,
Contra a sorte para que lutar em vão ?
E' cedo para dormir, e tendes a alma
Precisada de terna distração . . .

Suppondo ainda, senhora, que a taes horas
 D'essa noite eu lá vá, para distrahir-vos...
 Haveis de recusar quem bem se arrisca
 Somente para ver-vos e servir-vos?!...



A AGUIA E O SOL.

(Lamartine.)

I

Nunca digas, menino, como tantos :
 « Sou pequeno, o bom Deus não vê-me, não..
 « Não tem olhos para mim, vendo o universo,
 « E eu me perco na immensa criação !

II

Um dia disse ao sol a aguia altaneira :
 « Porque brillas até no valle escuro ?
 « Não te basta dourar cumes altissimos,
 « Para que baixar tua luz no lodo impuro ?
 « Não é digna de ti rasteira ervinha,
 « Nem o insecto que á noite acostumou-se...
 A' aguia disse o sol :—Sohe comigo—
 E, com um raio do sol, ella elevou-se.

Sobre as nuvens se erguendo, divisava,
 Como o valle, a montanha se abater,
 E quando descobrio novo horisonte
 Vio na terra um só nivel tudo ter !

« Repara, disse o sol, valle ou montanha
 « E' igual tudo aqui, vê teu engano. . .
 « Para mim não ha grandes nem pequenos,
 « Semellia á gottã d'agua um oceano.

« Sou da vida o pharol para o mundo inteiro !
 « Amo o cedro e o caniço sem vigor ;
 « Dou calor ao leão e á formiga,
 « Doiro o cimo do monte e a pobre flor.

III

Assim bondoso Deus; reparte as vistas,
 Com pequenos e grandes mutuamente;
 Cantae preces, meninos, junto ás aras
 De quem, para todo o mundo, é pai clemente !



AO PAPA,

(Barthelemy.)

I

Uma noute o Homem-Deos, que aqui tu representas,
 Apoz grande agonia e dores bem cruentas,
 Ergueu-se sobre as lajes, banhadas de suor,
 Sentindo no Jardim das luzes o fulgor ;
 As lanças assassinas e o povo, voz em grito,
 De longe annunciarão-lhe a horda israelita,
 Que vinha desalmada no horto procurar
 O Justo, que devia morrer para os salvar.
 Que fez Jesus então? Bebeu até as feses
 O calix amargoso por uma e muitas vezes.

Embora na collina tivesse junto a si
 Discipulos, que, para ouvi-lo, seguirão-no até ali,
 Mas, mudo, sob as arvoros, tranquillo, paciente,
 Ninguem em seu soccorro chamou o Deos clemente !
 O seu algoz recebe com um osculo de paz,
 E a Pedro diz que guardo o ferro que este traz.
 A suprema palavra dos labios arrancada
 Foi uma maldição lançada contra a espada ;
 E o Bom-Pastor, o Justo, o senhor dos Judeos
 Para lhes poupar os dias, se apressa em dar os seus !

II

Estas scenas de dor e palavras sentidas
 Em Roma annualmente são por ti repetidas,
 Na Capella Sixtina, trajado de setim,
 Mas, por tua desgraça, é o texto em latim . . .
 E' um bello poema ; o thema uma agonia,
 Uma opera fecunda em dores e harmonia.
 Com vozes feminis, teus eunuchos cantores
 Entoão-na por musica, entre nuvens de odores.
 Ah ! se tu conhecesses, Pontifice do Senhor,
 Esse santo Evangelho, que debes ter de cór,
 Esse livro inspirado pela voz do Bom-Deos,
 Escripto por João, Lucas, Marco e Matheus . . .
 Se tu bem meditasses nas pbrases verdadeiras
 Da scena que passou-se no horto de Oliveiras,
 Tranquillo nos teus males, sem mesmo murmurar,
 Em bem do teu rebanho teu sangue havias dar.
 Tu dirias a Deos, creatura mesquinha :
 —Só faz a tua vontade, senhor e não a minha ! —
 Mas hoje ao Evangelho, o Papa e os Cardeaes
 Maltratão, como autocratas ás leis mais liberaes.
 Se hoje o livro santo não é tão respeitado
 De Roma vem-lhe o mal, vem elle do Papado !
 Onde o tempo em que ia o pobre Marcellino,
 Sem mantos, sem tiara do pedras e ouro fino
 Reunir o concilio no fundo d'um ossuario,
 E por veste papel revestindo um sudario ?
 Estranho a essas desputas, aos debates do dia

Morrer pelo rebanho era o bem que queria?
 Respeitava-se a Deos na cidade e na villa,
 Os padres erão de ouro e os vasos de argila.
 A igreja tinha um Rei, porem os olhos seus
 Feixavão-se para o mundo e se abrião para os ceos?

III

Reparai n'essa Roma, d'onde a fé foi banida,
 A irmã de Babylonia á todos prostituida!
 Onde o negro deboche, em seus vis arsenaes,
 Para ter nobres adeptos escolhe os cardeaes!
 Oh! vêde o Vaticano, bazar de simonia,
 Conservatorio impuro de mundana harmonia,
 Museu torpe e profano, que em cada pedestal,
 Ostenta, em vez de estatua, um peccado mortal!
 De Pedro—o pescador—palacio protentoso,
 Do orgulho crerical, cenaculo luxuoso?
 E no ambito immenso d'essa nova Sião
 Se sente o podre insenso da podre corrupção!..
 Cercado de sequases, em templo tão immundo,
 Resides tu ahi, Deos terrestre do mundo!
 Teu fero despotismo, de ouropéis vestido,
 E' um gladio de chumbo, que fere sem ruido..
 Nem mesmo conservaste os vividos fulgores
 Que tinham nos olhares os teus antecessores!
 Imbecil ancião, bem mal te collocarão
 Na cadeira onde Urbano e Alexandre reinarão!
 Desses grandes guerreiros da prisca media idade,
 Tu só tens a ganancia, o amor á mortandade!
 Porque não vás como elles, co'a espada sob o manto,
 Bater os teus vassallos, de quem receias tanto,
 E dos povos rebeldes, as fronteas decependo.
 Perdoar aos humildes, os fortes humilhando!
 Tu só sabes armar crueis espadanchins,
 E, a poz sorver o sangue, deitado nos coxins!
 O impio Cesar Borgia, que has feito teu vigario,
 Albani duro e vil, não passa de um sicario!
 O monstro quando crusa o atrio de Adriano,
 Cobarde se arreceia do mais fraco Romano!..

E' um lacaio infame, coberto de labeo,
 E que gotteja sangue dos pés ao solideo !
 Um padre cauteloso e de um sorriso falso,
 Que nem perdoa ao morto suspenso ao cadafalso !
 Bemdiz o tumulto aberto, e, assim como a hyena,
 Passa sobre o cadaver sua lingua, que envenena !
 O' despota inflexivel, elle é digno de ti !
 E a religião nova que missionaes ahi
 Não é a do Menino nascido na pobresa,
 E que não tinha reino no muudo, e nem riqueza,
 Do justo que sabia amar a caridade,
 E que para o seu rebanho era a summa bondade !

IV

O' Papa glorioso de fama perenal,
 Teu nome dentro em pouco figura no Missal !
 A Igreja põe-te em breve entre a turba dos santos,
 Sem esperar que passem os annos cento e tantos.
 Se vivo, tu já fazes milagres aos milhares,
 Sem bispos nem acolitos, concilios, nem allares !
 O anel de pescador de que tanto alardeias,
 A' um teu simples signal transforma-se em cadeias.
 O baculo pastoral, que acalma as tempestades,
 E' uma clava sangrenta que acena as mortandades !
 E no benzido escudo do teu nobre brasão
 As chaves do Paraizo, são chaves de prisão !

V

E tu te queixarás quando a Italia aviltada,
 Lá dentro em teus conclaves, entrar amotinada ?
 E como derribou Tarquinos deshumanos
 Prostrar bispos, prelados, jesuitas, franciscanos ?
 E fazendo um barão do estola e pluvias
 Ir lá no Capitolio enforcar os cardeaes ?
 Ah, no dia em que a cruz, por ti tão profanada,
 Cahir do pedestal, por ti atropellada,
 Quando a grande basilica de ouro e pedras finas

Fizer, com o Colyseo, parelha de ruínas,
 Não vás fazer commentos, quando isto emfim se der,
 E accusar de atheismo a Raynal e Voltaire...
 Não sejas esquecido, recorda o teo reinado,
 Curva a fronte e confessa, traidor, o teo peccado !
 Qu'esse culto que em Roma devêra residir,
 Por triste suicidio virá a succumbir !...
 O Papa do Ante-Christo a gloria se reserva,
 E o que não conseguirão Trajano, Decio, Nerva,
 Os Títos, os Galerios, os Neros, Julianos,
 Um Papa fazer poude, passados poucos annos !
 E tu não pensas n'isso, incauto te adormeces
 E folgas nas orgias, e não empallideces !
 Em vez de conjurar propinqua tempestade,
 Prendendo aos que governas, com amor e com bondade ;
 Offensas esquecendo, que recebeste ahí,
 Soltando os transviados de Umbrias e Forli ;
 Maquinas excursões, meditas mais horrores,
 E em chefe tu te arvoras de vis salteadores !
 O pobre delinquente, que o medo a ti conduz,
 Tremendo encontra a forca nos dous braços da cruz !
 Do pio Vaticano o arsenal de guerra
 Ostenta, para os que paixão, riquezas mil que encerra...
 E os raios da igreja, as lanças, os morteiros,
 Se encontrão em abundancia para armar os teos guerreiros!
 Mas, que soldados esses ! A escoria das galés...
 Forçados, que a grilheta parecem ter nos pés !.
 Phalange de bohemios e destros salteadores,
 Que trazem no semblante signaes assustadores.
 Perdidos vagabundos e mil aventureiros,
 Que roubão nas estradas a bolsa aos caminheiros,
 Suissos, que servirão em varias barricadas,
 Heroes do bacamarte, que vivem de emboscadas !
 Bandidos, que nascerão em tal carnificina,
 Que roubão os viandantes de Roma á Terracina.
 Selvagens, matadores, ferozes, bem armados,
 Que forão guarda-costas de abbades namorados.
 Eis a tropa, que o Papa, lá nos escriptos seos
 Sacrilego intitula—*defensores de Deus*—!
 Oh, é muito, é de mais ! Quando o chefe da igreja
 Vae nos antros do crime buscar quem o proteja ;

Quando, para offerecer ao Eterno um regimento,
 Faz com taes assassinos um pacto tão cruento,
 De S. Pedro a cadeira se acha aniquillada,
 O Papado está morto, e nada o salva... nada!
 E o antigo castello, qu'è hoje o Valicano,
 Seu nome revindica de—*terras de Adriano*.—
 Tudo está acabado, já Roma se esborôa,
 Sobre as nuvens de novo a antiga voz reboa,
 Que outrora condemnou os Deoses da maldade,
 Dizendo :—para sempre morreu a Divindade !—

E tu, livido velho, nas vascas da agonia
 Verás realizar-se a nova prophecia !
 A terra já retreme, conhece o triste engano,
 Receia do vulcão, Cesar do Vaticano !



NA ÚLTIMA PAGINA DAS « FOLHAS DO OUTONO. »

(Victor Hugo.)

Ainda uma palavra, amigo, e sem pezar
 Eu deixo qu'este livro da sorte corra o azar ;
 Nem mesmo escuto o juizo, qu'a turba d'elle faça :
 Qu'importa ao rio o leito por onde elle perpassa ?
 Que importa a mim, que attento debruço-me ao porvir,
 A rude ventania qu'o outono faz rugir,
 E que veloz impelle, com a aza irrequieta,
 As folhas do arvoredado e os versos do poeta ?

Sou moço ; em minha frente precoce as rugas vem,
 Cavarão-nas vigílias e mil paixões também.

O mudo pensamento, que dores annuncia
 Um sulco estampa hoje, mais outro no outro dia !
 O Tempo muitos annos ainda não me deo,
 Apenas trinta estios para mim reverdeceo.
 Sou filho d'este seculo, cada anno um novo erro
 Confuso sahe-me da alma, buscando um outro encerro.
 De tudo já descrente, com um culto só fiquei,
 E esse á Liberdade e á Patria consagrei.

Odeio o despotismo com o odio o mais profundo,
 Por isso, apenas ouço n'algum canto do mundo,
 Vergado, de um tyranno sob a inflexivel mão,
 Um povo, que opprimido soccorro clama em vão ;
 Quando, aos carrascos turcos, os reis da Christandade
 Entregão a heroica Grecia, com tanta crueldade ;
 E a Irlanda exangue e misera expira sobre a cruz,
 E que a Germania os ferros de varios reis conduz ;
 Ai, quando a Luzitania extingue os seus fulgores,
 Soffrendo de Miguel as forcas, os terrores ;
 E Albani comprimindo a patria de Catão ;
 E Napoles descuidada do opprobrio come o pão ;
 Ai, quando a verga austriaca supporta com vilesa,
 As azas lhe quebrando o leão de Veneza ;
 E vejo estrangular Modena, um duque vil,
 E Dresde junto ao leito de um rei mais que senil ;
 Revendo a triste Hespanha, que louca se adormece,
 E o belgico leão, que tremulo obedece,
 Bem como um boi pacifico, com a frente para o chão,
 O pezo da charrua, não mais sendo leão ;
 Quando o cossaco horrivel, que a cholera transporta,
 Viola, torpe e em grito, Varsovia, virgem morta,
 E mancha a sua mortalha, santissimo tropheo,
 Fazendo um lupanar do casto mausoleo ;
 Ai, vendo scenas taes, maldigo horrorisado,
 Os reis, que trazem o povo no sangue suffocado !
 E sinto que o poeta os julga qual juiz
 Fazendo com que a Musa, com braços varonis,
 Os ligue sobre os thronos, bem como em pelourinhos,
 Mudando dos diademas as joias em espinhos !
 E, em vez de terem bençãos, tyrannos tão cruéis,
 A Musa com um ferrete destinga os mais reveis !

Oh, ella deve auxilio aos povos sem defeza !
 Por isso esqueço amor, familia, com presteza,
 E quedo as harmonias de amor, cantos de mel,
 Para pôr mais uma corda de bronze no arrabel !



O PESCADOR.

(Espronceda.)

Pescadora minha,
 Desce na ribeira,
 E escuta prazenteira
 Meu cantico de amor ;
 Sentado na canoa
 Te canta o seu cuidado,
 Teo terno, enamorado,
 Amante pescador.

A noute o ceo encobre,
 Segreda manso o vento,
 O mar sem movimento
 Tambem em calma está ;
 No meu batel, ai, desce,
 O' minha flor mimosa,
 Que a noite tenebrosa
 Teo rosto alegrará !

Aqui sosinho, longe
 Dos outros pescadores,
 Suavissimos amores
 Mavioso te direi
 E d'esses meigos labios
 De rosa purpurina,
 O mel, a essencia fina
 Que vertem, libarei !

Ao mar bem longe iremos,
 No meu batel cantando,
 Ao son do vento brando,
 Bem languida canção.
 Verás os peixes varios,
 Ao verem o rosto lindo,
 Não mais de mim fugindo,
 Quererem a morte então !

De perlas delicadas,
 Na tua branca frente,
 Grinalda resplendente,
 Meu anjo, eu cingirei,
 E eterno amor mil vezes.
 Jurando-te, querida,
 Em ti acharei vida,
 Os ceos encontrarei !

As ondas não te espantem,
 Nem o vento procelloso,
 Que ao verem o olhar formoso
 As iras calmarão ;
 E sylphides e ondinas
 —Rainha d'estes mares—
 Em placidos cantares,
 A ti aclamarão.

Vem, vem na minha barca ;
 Minha alma é toda tua,
 Nascendo agora a lua
 Reflecte-se no mar,
 E brinca já com as ondas
 Suave, leve brisa,
 Vem, linda e doce Elisa,
 Minha alma consolar !



MELODIA HEBRAICA.

(Byron.)

A selvagem gazella agil e bella,
Pasce alegre nos valles de Judá,
Pode as vistas fitar na terra santa,
Beber no manso arroio qu'alem 'stá :

Mas Judá já não vê n'essas paragens,
Porque gemem com os pais, todos captivos,
As filhas que já teve, cujos olhos,
Que os da linda gazella são mais vivos !

Lá do Libano em cima brandamente
O cedro magestoso a coma altea.
Mas de balde se busca, entre as ramagens,
Lindos portes das filhas da Judéa !

Do qu' ellas mais felizes, as palmeiras
Não se podem apartar do patrio solo,
As raizes oppõem-se ao triste exilio,
Não inclinão á grilhões o altivo collo !

Mas nós, pobres, errantes, caminhamos,
Soffrendo do desterro a sorte má !
Não teremos na patria as nossas cinzas,
A desgraça é que reina hoje em Judá.

STANGES Á LAURENCE. (*)

(Lamartine.)

Oh, anjo de outras eras, mas agora
Pobre mulher ! E' certo, sim sou eu !
Eu, que em ti acho a parte de minha alma
E choro o fado teu !

(*) No *Jocelyn.*

Ai, que vida que vives! Scena estranha!
 Como ao bronze o diamante se engastou?
 Deus deixou-o cahir na estrada de anjos
 E um impio o ajuntou?

Te recorda do ceo que vimos juntos,
 Lembra o dia do encontro e o nosso adeus!
 Fui cobarde assassino; que immolei-te. . .,
 Servir pensando a Deus!

Sacrificio tão vão que regeitaste!
 Para faze-lo, Senhor, quanto soffri!
 Respeitei teu pudor, profana-o um outro,
 E o inferno ri de mi!

Volta aos dias da infancia, aos dias puros,
 E á minha adoração. . . vê meu penar!
 Guardei no peito intacta a tua imagem;
 Não a queiras manchar!

Volta ao Ceo, que te quer e te pranteia,
 Se o não fazes por ti, por meu amor!
 Se faltão novas aguas para um baptismo
 Dou-te prantos de dor!

Dous na terra, no Ceu um só seremos,
 Laço occulto prosegue em nos prender!
 Com a tua alma para Deos irá minha alma
 Que soffre o teu soffrer!

Vê qu'ô impuro deleite em que te abrazas
 Pollue o branco lyrio qu'eu guardei. . .
 Não macules tua alma, Deos amou-a,
 E eu tanto a idolatrei!

Pondera que perturbas com taes gosos
 Da pureza a celeste limpidez,
 N'ella deve a esperança reflectir-se
 Com a saudade talvez!

E, com o cicio da brisa, as meigas aves
 Entoarão sentidas harmonias,
 Nos ninhos entre as folhas da alameda
 E nas florestas tristes e sombrias.

As feras cuidadosas evitarão
 Turbar com algum sussurro o quieto somno,
 E as aves bem longe chilreavão
 Em quanto no repouso estava o dono.

Mas, Deos vio qu'era triste a soledade,
 De tornal-a um prazer buscou maneira,
 Uma mulher bellissima, amorosa,
 Liberal, lhe offereceu por companheira.

Era a formosa, de mil graças cheia,
 Delicados os braços e a cintura,
 O collo altivo e languido o semblante,
 Rescendente de amor e de ternura !

Clara a fronte serena, encantadora,
 Negros os cilios, que gentil primor !
 Rasgados olhos, que com o sol competem
 Na ardencia do brilhar, no seu fulgor !

Desperto Adão, e vendo tal sorpresa,
 N'um abraço amoroso meigamente,
 Mil vezes a beijou e a cada beijo
 As aguas suspirarão mais languente !

No bosque ciciou brando murmurio,
 Os peixes sobre as ondas assomarão,
 As rolinhas soltarão casto arrulho
 E amorosos os zephyros soprarão !

« Minha alma, meu amor, o' minha pomba ! »
 O homem soluçando murmurava,
 Ella, morta de amores, dava em risos
 Morte tambem a quem a enamorava !

Os labios se colarão delirantes,
Que ambrosias do Ceo ali gosarão !
Estreitarão-se os peitos offegantes,
Os olhos mutuamente se fitarão !

E tu, vermelho sol, que assim os viste,
Porque ali sosinho os não deixaste ?
E a serpente enganosa e traiçoeira
Como para bem longe não levaste ?

Ai, como pouparias mil tropeços
Ao homem, no guiar dos passos seus !
Aos anjos mil receios, e até mesmo
Pouparas muitas choleras a Deus !

Já n'aquelle jardim havia uma arvore
Vedada ao paladar dos amadores ;
Era uma planta feia, que não dava
Nem sombra, nem ruidos e nem flores !

Estava Adão nos braços da quirida,
Que attenta olhava o negro, agreste fructo,
É bem junto do pomo prohibido,
Traidor velava o inimigo astuto.

« Prohibirão que comas, disse a serpe,
« Saber queres porque és violentada ?
E' que podes, qual Deus, provado o fructo,
Outro mundo crear do pó, do nada !

E subindo o rubor ao lindo rosto,
Sentio orgulhos a mulher curiosa,
Para o pomo estendeu a mão depressa
O veneno provou, louca, anciosa !

Mas eis que de repente emudecerão
As aves, fontes e arvores virentes.
E quedarão-se mudos e fatidicos
Troncos, rios, e bosques, e torrentes !

O leão, crespa a grenha, ruga e brada,
 O tigre lhe responde com um bramido !
 Bufa lá na floresta a hyena brava,
 Rouco levanta o touro o seu mugido !

As aves batem as azas fugitivas,
 Vai com ellas a brisa sussurrante !
 Murcha as galas o valle florecente
 Treme o mundo nos eixos de diamante !

Desperta o triste Adão, absorto e pasmo
 Ao desusado e funebre ruido,
 Contempla a sua nudez envergonhado,
 Vê-se em fogo lascivo consumido !

Fere-lhe o sol as tremulas pupillas,
 Deslumbra-lhe do dia a forte luz !
 Tem receios do ceo, teme o relampo,
 Que fende os ares, corre e ali reluz !

E vendo que perdera de improviso,
 A graça do Senhor com a innocencia ;
 Que tornou-se -lhe inferno o paraizo,
 Sente o duro roer da consciencia !

E elle cora, e corada é a companheira . . .
 —Nunca elles se virão enrubecidos !—
 Um do outro se apartão com vergonha,
 Já do crime commum arrependidos !

« Adão ! disse o Senhor, chamando o homem ;
 O echo das montanhas respondeu.
 « Adão ! repete Deus apoz instantes,
 E inda o echo outra vez resposta deu !

Ajoelhado e chorando angustiado,
 Ante a voz do Senhor, Adão tremia . . .
 « Pequei, Senhor meu Deus ! . . . » no pó prostrado,
 Estas fallas o misero dizia.

« Adão, torna o Senhor ; marca esta hora,
 « Porque hora virá em que te vejas
 « Dando contas a Deus, ante quem choras,
 « E até lá, peccador, maldito sejas !



AS NUVENS E O MAR.

(T. Gauthier.)

.....

Como, lindinha, não cedez,
 Conto-te a historia, que pedes,
 Das nuvens lá da amplidão.
 Queres saber essas flores,
 Tão variadas nas côres
 O que fazem e aonde vão ?

As nuvens, que se desfazem
 Em momentos, que se aprazem
 Em mil formas desdobrar,
 Que cada dia apparecem
 E cada dia esmorecem,
 Que, varias tu vês brilhar !

Não vês como ellas em bando
 Às vezes se retratando
 Estão na face do mar ?
 E como o mar brandamente
 Geme na praia languente
 Com docura á suspirar ?

Não vês, quando carregadas,
 Todas de luto trajadas
 Ellas se mostram no ceo,
 Que as aguas sinistras ficão,
 As ondas lá se horrificão
 Com iracundo esgarceo ?

E de tanta sympathia,
 Quer de noite, quer de dia
 Entre as nuvens, entre o mar,
 Não achas tu, joven bella,
 Que grande mysterio assella
 Essa união singular ?

Assim é ; as nuvens amão,
 Tambem d'amores se inflammão,
 Tambem namorão dos ceos,
 E as vagas azuladas,
 Lindas, de luzes banhadas,
 Merecem os carinhos seus !

A's vezes garridas correm,
 A's vezes desmaião, morrem,
 Vestidas de negro horror
 Suffocadas de ciumes,
 Rebuçadas de negrumes
 Correm ás vezes com pavor . . .

E' qu'ellas amão deveras,
 E' que as menores chimeras
 Lhes fazem vivo pezar !
 Basta que avistem nas costas
 As brancas, lindas gaivotas,
 Que gostão tambem do mar !

Cada beijo que fugace,
 Na do mar serena face
 Dá a garça á se mirar,

Vão as nuvens se apagando,
 Vão de zelos se trajando,
 E começa a trovejar !

Mas, quando ambos felizes
 Ceo e mar, com que matizes
 A natureza não está !
 Se, com belleza e encanto,
 Das nuvens se estende o manto.
 No mar o mesmo se dá !

Corre a nuvem jaspeada,
 Corre a vaga aperolada
 N'uma mesma direcção .
 E se serena divaga
 Nuvem azul, mansinha vaga
 Azulada vê-se então !

Vão as nuvens para o poente,
 A maré vai, do repente,
 Deixando a terra, á vasar !
 Vai o curso acompanhando
 Cada onda, inda trajando
 A côr que brilha no ar !

Fica o ceo sem uma nuvem,
 Lá nas margens já não muge
 As ondas, que vivem ahí . . .
 Estão os ares sem flores,
 Estão os mares menores,
 Lá e cá ambos assi !

Já as nuvens se atirarão
 Do horisonte, baquearão
 No mar, que seguindo as vem.
 E meiguices infinitas
 Mutuamente forão ditas
 N'esse amoroso vaivem !

.....

Vês, quanta rasão eu tive,
 Em dizer que de amor vive
 Mesmo as nuvens, mesmo o mar.
 Toma lições com a natura,
 Vê, anjinho de candura,
 Que viver é só amar !



A' UM POETA.

(Lamartine.)

Essa suave harmonia,
 Que teus sentidos deleita,
 É' puro incenso que dás-me,
 Meu genio não as enfeita.

Eu sou a brisa travessa,
 Que os plainos corre veloz,
 Branda aragem, que nas folhas
 Cicia, sem propria voz.

Que se escoa pelas fendas
 De templo antigo em ruinas,
 E desprende da harpa santa,
 Presa ao altar, notas divinas !

Eu sou o sopro que tira
 Da lyra o saudoso accento.
 Não é a brisa a quem louvão,
 Mas ao sonoro instrumento.

Tu és o livro, eu o dedo,
 Meu canto reflecte o teu,
 E esse canto que te agrada
 E' mais teu do que elle é meu.

Teu coração de poeta,
 E' como um cofre de ouro,
 Onde cahe mesquinha esmola
 Tinindo como um thesouro.

Das flores, que nos offertas
 Só guardamos a melade.
 E essas vem olorosas
 Co'os perfumes da amisade !



* * * (1)

(Victor Hugo.)

Desce a fonte do rochedo,
 Gotta á gotta sobre o mar ;
 Diz-lhe irado o torvo oceano :
 « Que vens gemendo buscar ?

« Trago em meu seio as tormentas,
 « Começo onde acaba o ceo ;
 « Pobresinha, eu sou tão grande,
 « Que desprezo o feudo teu !

Diz a fonte ao fundo pelago :
 « Dou-te, sem bulha fazer,
 « O que te falta—uma gotta
 « D'agua doce p'ra beber !

(1) Das *Contemplações*.

A' UM RAMINHO.

(Laprade.)

De mil botões marchetado,
De mil flores alvi-rosas,
Verde raminho se ostenta
Com tantas galas formosas.

Pobre raminho, antes da hora
Porque taes galas vestir ?
A primavera inda tarda,
Chuva e nevoa vai cahir ! . . .

No céu de azul recamado,
Brilhou o sol com alegria ;
Com o verão tu confundiste
Fugaz hora de um bom dia ! . . .

Tem o inverno traiçoeiro
Horas d'essas, de enganar . .
Mostra um sol, que brilha e zomba
Sem as flôres madurar . .

Apoz luzir que deslumbra,
Volta a bruma mais espessa ;
Pobre raminho, ao inverno
Já vaes curvar a cabeça !

Não deixes, que os botões roscos
Despontem, que a neve cahe,
Da primavera inda longe
Toda a tua seiva se esvae . . .

De tantas flores tão lindas
O inverno murcha a candura,
Desfolhará uma á uma
As petalas com força dura . . .

A primavera amorosa,
Depois de balde virá ;
Aos seus beijos namorados
Nada de vós brotará.

Então as flores do campo
Todas sorrindo no galho,
Vereis galhardas, mimosas,
Brilhantes com o doce orvalho !

E o sol, amante extremo,
Com paixão as ir beijar,
Em quanto ellas curvão a fronte
Como a noiva junto ao altar !

O bosque, o prado, a colina,
De verduras enastrados,
Serão thalamos de amores
Para os cantores alados.

Doces ruidos nas mattás,
Nuvens de ouro, mel na flor,
Mas, despida, em tal concerto,
Só carpireis vossa dor ! . . .

Vossos galhos, a avesinha
Não quererá para throno,
Tão sem verdura no estio,
Sem terem fructos no outono !

Nua, perdida, aviltada,
Não tereis nenhum valor .
Perdeo-vos um sol mentido,
Fugaz instante de amor !



SERENATA. (*)

(Mery.)

Corre odorante de Sorrento a vaga,
 Saudosa a lua fulgurante brilha,
 Prateia as ondas, e esta noute é tua,
 Formosa loura, d'estas margens filha !

Applaudes as festas do consorcio, a lua
 Por entre os limbos de gentil fulgor,
 Ella embalsama com ardente anhelito
 Teu leito casto e o laranjal em flor.

Deixa entre-abertas as janellas verdes,
 Que entre a folhagem ali estão sorrindo,
 É que a harmonia, que do mar se eleva
 Vá ter à alcova onde estás dormindo !

Suspende o somno que ouvirás maviosa
 Quebrar-se a vaga no areal gemendo,
 E do barqueiro a cantilena rude
 Vinda do barco, que passou correndo !

O cicio brando, que farfalha a brisa,
 Que alem passou no laranjal em flor
 Faz um concerto, nas caladas horas,
 Com a philomela á gorgear de amor !

Ai, todas essas harmonias bellas
 Hão-de amanhã, n'um matutino canto,
 Fallar á noiva, que vexada accorda,
 E traz nas faces do rubor o manto !

Vae amorosa, n'essa noite linda,
 Junto do amante ventuosa ser . . .
 Gosa das ditas, que o presente off'rece,
 Pode amargores o futuro ter . . .

(*) No romance *L'ame transmise*.

A FILHA DE O-TAITI. (*)

(Victor Hugo.)

« Diz-me, queres fugir? e a vela infida
 Vai-te em breve roubar á vista minha?
 Quanto custou-me, quanto, oh doce vida,
 Ouvir em van espera hoje, á noitinha,
 Os marinheiros seguindo
 Para o brigue branco e lindo,
 Ledas cantigas cantando,
 Que me deixaram chorando.

« Porque nos deixas? em tua ilha extranha
 Tens um mais lindo ceo ou menos dores?
 Lá, se morreres, é a dor tamanha
 Que igual não tenha em meus fieis amores?
 Serão teos ossos cobertos
 De verdes ramos abertos,
 Cujas flores sempre tristes
 Em nenhuma campá vistes?

« De quando, lembras-te? a ligeira brisa
 Trouxe-te juncto de nós a vez primeira?
 Tu me chamaste aos bosques de palmeira
 Onde ninguem penetra e ninguem pisa?
 E como fosses novo
 No meio d'este povo,
 Mancebo afortunado,
 Cheguei-me ao teu chamado.

(*) Para mercer desculpa do benevolo leitor, que conduzi até esta pagina, em procura de uma boa traducção, apresento-lhe os seguintes versos do meu amigo Dr. Gentil Homem de Almeida Braga, e espero, com o valor dos mesmos versos, remir a divida contrahida, que por outro modo não poderia pagar,

« Era formosa então; mas hoje o pranto
 De meu rosto alterou a formosura.
 Fica, estrangeiro, fica, oh doce encanto,
 Não augmentes com o adeus esta amargura.

De tua mãe carinhosa
 Eu fallarei respeitosa,
 De Christo, da patria tua,
 Dos brandos clarões da lua.

« A meus dias darás doce existencia.
 Que te fiz porque assim fugir desejas?
 Fica; terei por ti branda clemencia,
 Cuidarei porque bom, contente sejas.

Pelo nome, que te deram
 No paiz em que nasceram
 Teus avós, serás chamado
 Por mim, mancebo adorado.

« Tua escrava serei; mas dá-me ao menos
 Sempre a teu lado esteja como agora.
 Fica; são estes ares muito amenos,
 E' clara a noite, e sempre bella a aurora.

Mas, andorinha inconstante
 Tu és, meu formoso amante.
 Eu, sim, por annos que viva
 Sou de teu amor captiva.

« Queres, queres partir! lá n'outros montes
 Algumã virgem por tua volta espera.
 Com tigo irei, senhor, aos horisontes
 De terra em que tua voz ordena, impera.

De tua amante quirida
 Serei serva humilde e fida,
 Caso o queiras, hei de ama-la,
 Hei de tambem, respeita-la.

« Longe de pai e mai, longe das flores,
 Do bosque onde a teus braços fui sem medo,
 Longe d'estas palmeiras, meus amores,
 Longe da patria morrerei bem cedo.

Viver não podendo aqui,
Quero morer junto a ti.

« A bananeira humilde festejou-te
Quando vieste a nós, querido amante;
Meu pobre coração foi teu, amou-te;
Por que nos queres deixar, ser inconstante?
Não partas, oh não, sosinho
Para o teu remoto ninho
A medo que esta alma errante
Não te deixe um só instante. »

Quando veio a manhã, dourando as velas
Do fugitivo brigue que partia,
Em vão se a procurou nas praias bellas,
Ou no bosque ou na casa em que vivia.
Não mais se viu a queixosa
Amante, sem ser esposa.
Ao lado d'elle, porem,
Não encontrou-a ninguém.

G. H. DE ALMEIDA BRAGA.



PAGINA DE LETO.

O coração me pede, que não feixe esta pobre collecção de versos sem ajuntar a ella o humilde feudo, por mim prestado á memoria do illustre maranhense, que empunhava o sceptro da realesa, entre os poetas nacionaes.

N'este momento a minha provincia ainda pranteia-lhe a morte, e por isso julgo-me na obrigação de unir, ás della, as minhas lagrimas.

GONSALVES DIAS.

(*A' Nuno Alvares.*)

I

Perante o teu martirio,
Tão grandes, fundas penas,
Como enchugar-te as lagrimas,
Joven, Brasília Athenas?

Outr'ora tantos canticos,
Mil hymnos festivaes !
Findou-se o coro harmonico?
Ai, não. . . mudou-se em ais!

Perante a dôr tão vivida
Que agora to atribula,
Todo consolo é ephemero,
Toda palavra é nulla !

Carpe convulsa e tremula
A tua viuvez !
Slá hoje tão pauperrima,
Quem Deos tão grande fez !

O berço feracissimo,
De tantos genios, rico,
De João Lisboa intrepido,
De Souza, de Odorico,

Do grande mathematico,
Do Homero portuguez,
Do prosador tão masculino,
Irmãos na fama os tres !.

Murchou-se a terra esplendida,
 Que tantas glorias tinha . . .
 Hoje ululante e pavida
 Humilha-se mesquinha !

Da morte o braço esqualido
 Levára os tres sem dó,
 Restava o primogenito,
 Meu Deus, restava só !

Abriu-se mais um tumulo,
 Com o golpe derradeiro ;
 Cahio, sumio-se o ultimo,
 Que foi sempre o primeiro !

E' muda a voz ternissima
 Do nosso sabiá !
 Em nossa matta umbrifera
 Cantor igual não ha !

O indio, que nos páramos,
 Desertos hoje vaga,
 Não houve os sons melodicos
 Do seu melhor piaga !

A selva um ai dorido
 Aos echos manda alem . . .
 No ermo o mais recondito
 Soluça-se tambem !

Do pelago no vortice
 Sumio-se o immenso astro,
 Esconde-se entre as perolas
 Em urnas de alabastro.

Na terra brilhou lucido,
 No mar lá foi brilhar,
 Assim do azul sidereo
 O sol se esvai no mar !

Mas que fatal anathema
 Persegue, obumbra e vence,
 Ferindo tão no amago
 A terra maranhense?

O anjo do extermínio,
 Com furia descommum,
 Conduz ao sacrificio
 Seus filhos um á um!

Ai, vêde a pobre victima,
 Que ali se extorce e ulula
 Quem vai secar-lhe as lagrimas
 Se toda vóz é nulla!

Se o pranto, que vem calido,
 Lhe sahe do coração!
 Se a misera em seu delirio
 Não mais cobra a razão!

São negras, são funereas
 As tuas agonias. . .
 Para que buscar allivio:
 —Morreu Gonçaves Dias!—

II

A lyra envolta em lucto, com as cordas estaladas,
 Não póde ir mais avante cantar-lhe o funeral;
 Modulem-no das aves as notas magoadas
 E os sons tristes da brisa que abala o palmeiral!

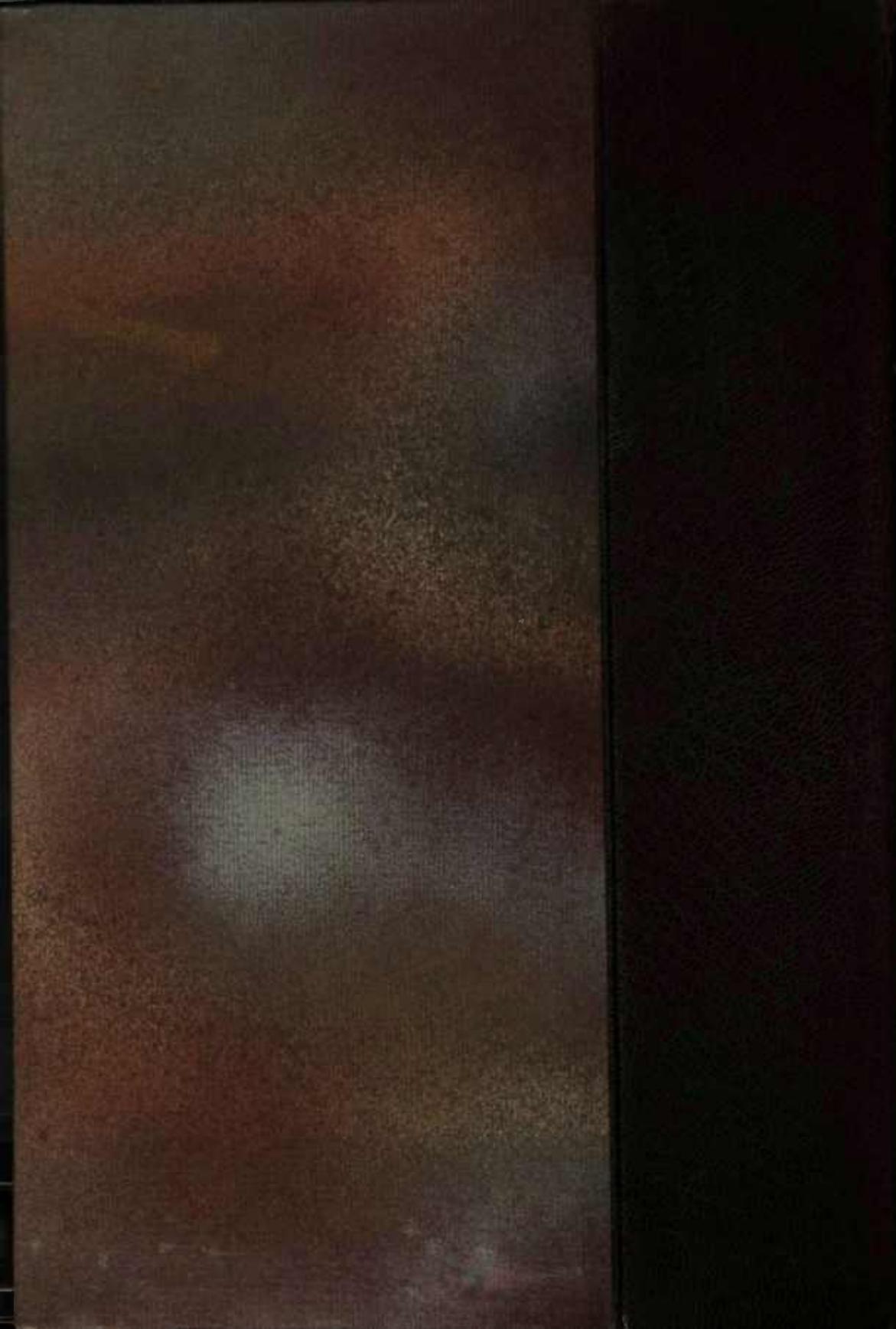
A terra toda é pranto. O céu surri ufano,
 O mar doce harmonia nas ondas faz girar!
 O Céu lhe guarda a alma, o corpo o fundo Oceano:
 Em quanto a terra é triste, exulta o céu e o mar!

Miserrimos que somos, deixados na orphandade,
Sem ter uma reliquia senão prantos e ais ! . . .
Que resta-nos, meo Deus, senão agra saúde ?
—Responde o Géó; « Ficarão-vos os *Cantos* immortaes ! »

FIM.







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).